



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013

ISSN 1982-3657



A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

Ana Lúcia Nunes Pereira^[1] - UNEB

Dídima Maria de Mello Andrade^[2] - UNEB

Eixo Temático– Educação e pesquisa em espaços não formais

Resumo

O texto intitulado Uma Experiência de Estágio em Coordenação Pedagógica nos Espaços Formais e Não Formais no Campus XV-Valença/Ba, tem como objetivo procurar, através da aproximação do cotidiano, do conhecimento e das práticas pedagógicas, detectar propostas alternativas e os espaços possíveis de atuação do coordenador pedagógico nos espaços não formais de educação, ao tempo em que busca responder aos seguintes questionamentos : Qual seria os espaços de atuação destinados ao coordenador pedagógico nos espaços não formais de educação Esta inquietação nos fez formular uma proposta de estágio que buscasse investigar se há um campo de trabalho para o coordenador pedagógico nos espaços não formais de educação. Para tanto, seguimos o referencial metodológico da pesquisa observação/participação uma vez que este referencial tem como ponto principal a realidade social na sua estrutura e na sua dinâmica.

Palavras chave: Estágio. Coordenador pedagógico. Espaços não Formais.

INTRODUÇÃO

Atualmente muito se tem discutido sobre o tema Gestão Escolar, revelando que o mesmo é motivo de novas experiências e estudos por parte de teóricos ou até pelos próprios profissionais de educação que já atuam na área. Diante disso, as instituições escolares vêm sendo pressionadas a repensar os seus papéis, principalmente no que diz respeito ao coordenador pedagógico, tendo em vista as mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea.

Com base no exposto e compreendendo a Coordenação Pedagógica como um elemento da Gestão Escolar, pretendemos, nesse texto, relatar nossa experiência na disciplina pesquisa e estágio no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no Departamento de Educação Campus XV - Valença/BA.

Nossa primeira dificuldade foi romper com o instituído e mostrar que o campo de atuação do Coordenador Pedagógico ultrapassa os limites da escola. Com base na Resolução CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura no seu artigo 5º, diz:

IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo. (BRASIL. 2006. p. 11).

Quanto a isso não temos dúvidas, o Pedagogo pode atuar em espaços escolares e não escolares de educação. O nosso currículo vem contemplando a legislação vigente quando oferece as disciplinas Pesquisa e Estágio em Espaços Formais e Não Formais e mais adiante com o Estágio em Espaços Não Formais, porém quando se trata da Disciplina Pesquisa e Estágio em Gestão Educacional a ementa é clara, vejamos:

Compreensão do estágio na sua relação teoria e prática. Saberes e competências necessários à formação diversificada do pedagogo e seu exercício profissional em Espaços Formais de Educação. Coordenação Pedagógica em escolas da rede pública do ensino fundamental e médio, em projetos e programas de educação e/ou formação continuada. Com contribuição e orientação das demais disciplinas deste núcleo, num trabalho interdisciplinar. (BRASIL, 2006, p. 11).

O que nos faz retomar a resolução citada acima que em seu artigo 4º anuncia:

II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares. (BRASIL, 2006, p. 11).

Tal fato nos leva a questionar: Qual seria o espaço para o pedagogo na coordenação dos espaços não escolares Ou melhor, teria alguma forma de coordenação pedagógica nos espaços não escolares Ou será que, mais uma vez, estamos diante de uma estrutura curricular contraditória, que produz um corte na formação dos sujeitos, separando a teoria da prática e o pensar do fazer

Todas estas inquietações nos fizeram formular uma proposta de estágio que buscasse investigar dois pontos principais: o primeiro se refere ao papel que ocupa o coordenador nos espaços escolares na atualidade e o segundo compreender se existe um campo de trabalho para o coordenador pedagógico nos espaços não escolares.

Neste sentido, tentamos procurar, através da aproximação do cotidiano, do conhecimento e das práticas pedagógicas, detectar propostas alternativas e o lugar de atuação do coordenador pedagógico nos espaços escolares e não escolares de educação.

Nesta perspectiva, a nossa compreensão de estágio rejeita a ideia de que o aluno-estagiário deverá ver e aprender com um profissional experiente o que deverá fazer quando estiver no exercício pleno da profissão. Nossa proposta, portanto, parte da tentativa de seguir o referencial metodológico da pesquisa observação/participação uma vez que este referencial tem como ponto principal a realidade social na sua estrutura e na sua dinâmica. Com este olhar, desenvolvemos nossa proposta de trabalho.

Essa proposta possibilitará aos estudantes do curso de Pedagogia uma leitura crítico reflexiva sobre a função dos (as) Coordenadores (as) Pedagógicos no que tange aos espaços não escolares e seu objeto de trabalho, ressaltando que a ação-reflexão-ação permeará todas as atividades, constituindo o eixo norteador da metodologia. Para tanto, no desenvolvimento da disciplina, foram utilizadas técnicas didático-pedagógicas como: Exposição participada, para introdução ou ampliação de temas abordados, trabalhos de grupo, apresentação do projeto de estágio, para conhecimento e discussão sobre atividades a serem desenvolvidas.

Após as reflexões teóricas em sala de aula, os estudantes foram encaminhados aos espaços não escolares para observação acompanhamento e registro da rotina do coordenador pedagógico. Em seguida, os estudantes construíram um projeto de estágio, contemplando uma das ações do coordenador pedagógico para desenvolvê-lo nos referidos espaços com carga horária de 60 horas.

A sua relevância desse trabalho deve-se ao fato de investigar questões pertinentes ao coordenador

pedagógico como sujeito implicado, como formador, coautor dos trabalhos que acontecem em outros espaços de aprendizagem, como “articulador” do processo de desenvolvimento dos projetos educativos de grande significação para a interação de todos os segmentos da comunidade. Cabendo-lhe não apenas contribuir na organização dos trabalhos, respondendo as dúvidas e inquietações dos sujeitos envolvidos no processo de ensinar e aprender com a finalidade de possibilitar a busca de respostas, mas, fundamentalmente, servir de “elo” nos espaços onde atuam buscando compreender as questões que perpassam o cotidiano do coordenador pedagógico nos espaços não formais de educação.

O coordenador pedagógico nos espaços não formais de educação

O que preside a nossa compreensão sobre a atuação do coordenador pedagógico é que esse profissional não deve limitar-se apenas a atividades escolares. Podemos observar em nossa itinerância docente a existência de outros espaços nos quais o coordenador pode atuar, considerando que, na medida em que vão aprendendo a escutar e respeitar o outro nesses espaços, dialogicamente vão confrontando e comparando as concepções de vida. Os saberes e conhecimentos apresentados ao serem problematizados pelo que pensa e sente a realidade sob o outro se apresentam na perspectiva de rever seus posicionamentos ou aprofundá-los mais, argumentando, refletindo, organizando idéia.

Sendo assim, é importante considerarmos que os espaços não-escolares de educação têm se constituído um campo significativo de atuação do pedagogo, principalmente a partir dos anos de 1990 com as profundas mudanças que vêm ocorrendo no mundo da economia e do trabalho e que requerem de todos realizações de ações conjuntas, que visem outras estratégias de formação que envolvam a educação escolar e não-escolar de forma que essa visão estreita e bipolar do sistema educativo seja superado.

Nesse sentido, o grande diferencial de ações educativas nos espaços não escolares é a possibilidade de construção de novos conhecimentos com base na práxis concreta dos grupos sociais envolvidos, o requer outra forma de coordenação pedagógica, que não seja pensada apenas para atender um corpo técnico-burocrático-administrativo, como se apresenta nos espaços escolares formais, mas uma gestão que envolva um conjunto de setores em que as ações e soluções não devem ser prontas e determinadas, mas negociadas com a participação de todos.

Nesse sentido, salientamos a importância do coordenador pedagógico nos espaços não escolares (não-formal e informal) de aprendizagem, considerando que a prática do coordenador pedagógico em nosso país sempre foi marcada por processos educativos burocratizados, distante da realidade social e política, marcada pela privatização da sociedade brasileira a serviço de um modelo de desenvolvimento excludente em todos os setores da sociedade, inclusive da escola.

Entender as ações do coordenador pedagógico, para além dos espaços educativos, requer um compromisso e uma aproximação mais profunda com os Grupos Sociais, Associações de Moradores, ONG'S, Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e mesmo com a Escola. Acreditamos que só assim podemos reinventar a formação do coordenador pedagógico a partir da realidade concreta vivida pelas comunidades pesquisadas e pelos próprios alunos envolvidos no processo, sem contar que ainda há uma aproximação da universidade com as comunidades.

Nas trilhas da pesquisa/estágio

Em que pese ainda tais funções, o coordenador pedagógico deve se preocupar com a formação do ser humano transformador, aquele capaz de analisar criticamente a realidade, desvelando seus determinantes sociais, políticos, econômicos e ideológicos, atores na construção de uma sociedade justa e democrática, superadora dos determinantes geradores de exclusão.

Nesse sentido, compreende-se que educar é contribuir para que os sujeitos transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem; é caminhar na perspectiva da construção dos sujeitos sociais, da sua formação pessoal e profissional, do seu projeto de vida, de forma que lhes permitam descobrir

ações e práticas educativas de superação da realidade vivenciada com o objetivo de reinventar a educação e o próprio papel do coordenador pedagógico.

Com essa compreensão chegamos aos espaços de educação não formais. Deparamo-nos com outras dificuldades de ordem pedagógica e isso já era previsto uma vez que os espaços não formais de educação exigem toda uma especificidade de formação que na Universidade ainda não conseguimos alcançar. Talvez por ainda termos como única referência os estágios apenas nos espaços escolares, ou, como nos alerta Chauí (1998, p. 62), “[...] a Universidade está estruturada de tal forma que sua função seja: dar a conhecer para que não se possa pensar. Adquirir e reproduzir para não criar. Consumir em lugar de realizar o trabalho de reflexão”.

Cientes desse desafio, iniciamos nossa pesquisa/estágio nos espaços de educação não-formais. Pesquisamos/estagiamos em dois espaços: Comunidade de Mangue Seco[3], Sindicato das Trabalhadoras Rurais da Serra do Abiá[4]. Vale ressaltar que apenas a Comunidade de Mangue Seco contavam com a presença do pedagogo atuando como coordenador pedagógico, o que nos mostra o tamanho do desafio que iríamos encontrar. Ainda assim, e apesar da literatura ainda ser incipiente a esse respeito, arriscamos em desconstruir a ideia de o coordenador atuar apenas nos espaços formais de educação.

Na Comunidade de Mangue Seco, a pesquisa/estágio aconteceu em uma Associação de Marisqueiras. Como os estudantes já tinham uma aproximação com a comunidade, através do Projeto intitulado “Maria Marisqueira”, organizado pela professora e alunos do componente curricular Economia, Trabalho e Educação do Departamento de Educação Campus XV resolvemos dar continuidade na pesquisa/estágio às ações que vinham sendo desenvolvidas através do referido componente curricular. Contamos com a participação da coordenação pedagógica da Associação e como nos dizem os estudantes:

Pudemos concluir, com este trabalho, que a atuação do coordenador pedagógico em comunidades é possível, desde que o coordenador tenha em conta seu papel como educador numa ótica de Educação Popular Freiriana, que visa à formação de um cidadão crítico, racional, capaz de fazer indagações sobre todos os acontecimentos a sua volta e que tem no diálogo e na construção com o outro, seus principais pilares. O coordenador pedagógico, ao realizar suas ações, não pode se esquecer do seu papel político e social. (H. B., M. M., V. G.).

Concordamos com as estudantes, pois durante o trabalho na pesquisa/estágio o grande desafio era nos desvincularmos dos processos educativos formais. Encontramos dificuldades em dialogar com as comunidades e também em sistematizar propostas a partir dos diálogos estabelecidos. Nesse sentido, as estudantes relatam que buscaram apoio na educação popular por ser uma concepção de educação que procura desenvolver práticas político-pedagógicas comprometidas com as camadas sociais empobrecidas, por ser uma forma de conhecimento que tem como ponto de partida uma prática política que se dá no mundo e enquanto prática pedagógica concreta deve estar imersa em uma prática social e atenta para a possibilidade de construção de um saber popular, como nos adverte Brandão (2006), capaz de possibilitar a apropriação, pelas classes populares, do seu próprio saber, vislumbrando a passagem de sujeitos e classes econômicas para sujeitos e classes políticas.

Dando mais um passo em nossa pesquisa/estágio, nos deparamos com o Sindicato das Trabalhadoras Rurais da Serra do Abiá, Município de Valença-BA, mediante parceria com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.

Esse trabalho oportunizou as estudantes/estagiárias e às mulheres da zona rural momentos de reflexão e de construção de novos saberes, a partir de temas atuais e ações significativas a fim de que pudessem ampliar seus conhecimentos sobre seus direitos como mulher e sobre sua saúde e de seus familiares. O trabalho constituiu-se de atividades pedagógicas como: palestras, oficinas, e serviços de saúde, voltados para as mulheres trabalhadoras rurais (de 13 a 55 anos de idade) da referida localidade.

Desse modo, o trabalho desenvolvido pelas estudantes foi de grande relevância para o entendimento da importância e necessidade da presença do coordenador pedagógico nos espaços não formais. Vejamos o que dizem as estudantes/estagiárias a esse respeito:

A contribuição de um coordenador pedagógico é algo que jamais deve faltar em qualquer organização, ainda que esta não seja direcionada ao ensino formal, pois não é apenas no meio educativo escolar que se necessita do auxílio de coordenação pedagógica. Se pensarmos a coordenação pedagógica não como supervisão, mas como suporte que articula, planeja, organiza e medeia ações, entende-se que esta é uma função necessária nos diversos segmentos administrativos, principalmente quando lidam com pessoas (S. S., E., E.).

É de bom alvitre acrescentar nesse texto a nossa compreensão sobre a atuação do coordenador pedagógico. Ratificamos que esse profissional não deve limitar-se apenas a atividades escolares, pudemos observar em nossa itinerância docente a existência de outros espaços nos quais o coordenador pode atuar, conforme o exposto acima e o que veremos a seguir, considerando que na medida em que vão aprendendo a escutar e respeitar o outro nesses espaços, dialogicamente vão confrontando e comparando as concepções de vida. Os saberes e conhecimentos apresentados ao serem problematizados pelo que pensa e sente, a realidade sobre o outro se apresentam na perspectiva de rever seus posicionamentos ou aprofundá-los mais, argumentando, refletindo, organizando ideias.

Vale ressaltar que também nesse espaço não havia a presença do coordenador pedagógico, dessa forma foi facultado às estudantes/estagiárias, através dos encontros, irem aos poucos conhecendo o grupo e detectando propostas numa atitude de, ao mesmo tempo, observador e participante para, assim, conseguirem sistematizar as ações a serem desenvolvidas. Pensaram, planejaram, sistematizaram e refletiram a prática, uma prática refletida e calcada na teoria.

Na Serra do Abiá, houve a escuta, a troca de saberes a confrontação com as concepções de vida, os sujeitos se autorizaram. Nesse sentido, concordamos com Tardif; Lessard e Lahaye (1991, p. 228) quando assevera que a atividade docente não se exerce sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido, ou uma obra a ser produzida. Ela se desdobra concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante, e onde intervêm símbolos, valores, sentimentos, atitudes e aqui incluímos o coordenador pedagógico como sujeito que interage e se faz presente em ações que visam o fortalecimento do coletivo.

De acordo com as estudantes/estagiárias, as mulheres declararam que até então lhes eram desconhecidas tais informações e repetiam a importância que teve o estágio em suas vidas, conforme relato abaixo:

Eu gostei muito das palestras sobre as vacinas, gravidez e meningite e o quanto as vacinas são importantes para evitar vários tipos de doenças (...). Então é por isso que eu digo que as palestras foram muito importantes para mim porque fiquei sabendo de muitas coisas que eu não sabia como a contaminação da meningite meningocócica e os sintomas. (M. L., 56 anos).

Vejamos ainda o que uma adolescente relatou:

Aprender sobre a Lei Maria da Penha foi muito importante para todas nós. Os homens tinham que ouvir também essa palestra para eles saber que nós temos direitos e pensar antes de agredir as mulheres. (A. P., 17 anos).

Desse modo, as ações desenvolvidas no Estágio na Serra do Abiá e na Comunidade de Mangue Seco nos ensinaram que a formação do Pedagogo também se dá em outros espaços que não sejam apenas a escola, nos mostrou os saberes do povo, quanto estamos distante de uma sociedade que possibilite o acesso destes, ao que lhe é devido e de direito. Entendemos que o Estágio é, de verdade, o momento da

pesquisa. Os depoimentos contidos no relato das estudantes/estagiárias nos ensinam que deve ser assim. Vejamos:

Os propósitos nesse estágio de coordenação pedagógica foram muito além do cumprimento da carga horária do estágio. Após ter inserido na comunidade através do referido projeto, o estágio se tornou para nós uma questão social quando de alguma forma tentamos mudar de alguma forma a realidade daquelas mulheres que declararam nunca ter tido antes ações parecidas com as que lhes foram proporcionadas (...) As experiências desse estágio em espaço não-formal possibilitaram diversas reflexões a respeito da função do coordenador pedagógico. Percebeu-se que os "oprimidos" não reconhecem suas dependências para possível luta pela "libertação" como comenta Freire (1987). Vê-se que muitas pessoas se acomodam no "lugar de oprimidos" não sabendo nem mesmo reivindicar por uma possível "libertação". Como educadoras, temos a função de tentar auxiliar nesse processo. (E., E., S.).

Nessa perspectiva, compreende-se que educar é contribuir para que professores e alunos – nos espaços escolares ou não escolares – transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. E o Estágio possibilita esse encontro quer seja na escola ou fora dela.

Breves considerações

Diante dos relatos apresentados, podemos constatar a importância da pesquisa/estágio na formação da vida profissional dos estudantes. Através do estágio, é possível vivenciar a realidade de forma mais concreta; desta forma, o estágio merece ter seu espaço definido como algo essencial à formação do educador, como um movimento articulador entre realidade vivida e realidade teórica, para que assim se possam tecer olhares em torno do fazer pedagógico, tão inerente ao curso de Pedagogia.

Nessa perspectiva, pensar o estágio para além dos espaços educativos requer um compromisso e uma aproximação mais profunda com os Grupos Sociais, Associações de Moradores, ONG'S, Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, Empresas, Hospitais, Igrejas, uma vez que essas realidades nos propiciam descobrir ações e práticas educativas de superação desta mesma realidade com o objetivo maior de reinventar a educação e o próprio papel do pedagogo nestes espaços.

Portanto, compreender se há, de fato, espaço para o pedagogo na coordenação dos espaços não escolares ou se há coordenação pedagógica nos espaços não escolares, nossa pesquisa adianta esse é um espaço possível de atuação do coordenador pedagógico. Não devemos, contudo, deixar de relatar as dificuldades encontradas no percurso, desde a ínfima carga horária destinada à disciplina, a inserção nos espaços para realização da pesquisa, a dificuldade de orientação teórico/ metodológica uma vez que os livros, revistas e artigos ainda são específicos à coordenação em espaços escolares, considerando ainda a incipiência da literatura a esse respeito.

As avaliações que fizemos junto aos nossos estudantes/estagiários nos mostraram que o coordenador pedagógico não perdeu seu espaço na organização escolar, ao contrário, as experiências realizadas na pesquisa/estágio nos colocaram em contato com novos campos de trabalho, novas dimensões educativas para o coordenador pedagógico. Para tanto, não devemos nos afastar do real núcleo de definição e de articulação do coordenador que é o "pedagógico", os processos de aprendizagem, sendo assim haverá espaço para esse profissional na escola ou fora dela.

O que queremos com esse trabalho Parafraseando Brandão (1998), queremos que o coordenador pedagógico "descubra tudo aí de seu e de alheio; de assumido e de imposto; de pedagogia como 'prática de liberdade' ou de prática da opressão através da pedagogia". Queremos então que o coordenador pedagógico "saiba olhar um lado e outro lado da educação, escolher o seu e lutar por ele".

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____. **O Que é educação popular** São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. Congresso. Senado. Resolução CNE/CP 1/2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 maio 2006.

CHAUÍ, Marilena. O que é ser educador hoje Da arte à ciência: a morte do educador. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SANTORO, Maria Amélia. **A Práxis pedagógica como instrumento de transformação da prática docente**. GT: Didática, n.04. Disponível em: <http://www.bing.com/searchq>

Acesso em: 23 mar. 2011.

SAVIANI, Dermeval. A supervisão educacional em perspectivas histórica: da função à profissão pela mediação da idéia. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto. (Org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade**. São Paulo, Cortez, 1999.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber: esboço

de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**, Rio Grande do Sul, n.4, p.215-233, 1991.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad Editora, 2006.

[1] Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - Disciplina Pesquisa e Estágio - Campus XV Valença/BA alpereira@uneb.br

[2] Doutoranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - Disciplina Pesquisa e Estágio - Campus XV Valença/BA didima.andrade@gmail.com

[3] Componente curricular ministrado pela Professora Ana Lícia Stopilha do Departamento de Educação Campus XV – Valença/BA.

[4] A Serra do Abiá é uma região rural, localizada há trinta e sete quilômetros da cidade de Valença. Leva esse nome por possuir uma enorme serra com altas montanhas, as quais podem ser visualizadas em outros municípios mais próximos. É um lugar de difícil acesso, onde não há transporte todos os dias para cidade de Valença, não existem recursos que ofereçam condições básicas para os moradores como: posto médico, telefone público, creche, etc. Existe uma única Escola Municipal com apenas uma sala de aula para atender às crianças de todas as séries iniciais (fundamental), e não funciona no período noturno para os adultos. A energia elétrica chegou há três anos. As pessoas para resolver quaisquer necessidades precisam enfrentar a estrada muitas vezes andando 8 km a pé subindo e descendo altas ladeiras para chegar ao ponto de ônibus. Porém lá existem muitas famílias trabalhadoras rurais, de baixo poder aquisitivo, que necessitam do olhar principalmente dos governantes, mas isso até o momento não tem acontecido. Vale ressaltar que apesar das dificuldades, é um lugar muito belo.